

T.E.C.A.

A árvore junta cabeças

*A experiência
da extensão
universitária
em uma
brinquedoteca
hospitalar*

Vol. 01

ORGANIZADORAS

INGRID MARTINS LEITE LÚCIO
SARAH LINS DE BARROS MOREIRA
VANESSA FERRY DE OLIVEIRA SOARES



**T.E.C.A. – A ÁRVORE DE JUNTA-CABEÇAS
– A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA EM UMA BRINQUEDOTECA
HOSPITALAR**

Vol.1

**T.E.C.A. – A ÁRVORE DE JUNTA-CABEÇAS
– A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA EM UMA BRINQUEDOTECA
HOSPITALAR**

Vol.1

ORGANIZADORAS

Ingrid Martins Leite Lúcio
Sarah Lins de Barros Moreira
Vanessa Ferry de Oliveira Soares

Maceió/AL
2019

Copyright © das autoras e dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

**Ingrid Martins Leite Lúcio; Sarah Lins de Barros Moreira; Vanessa Ferry de Oliveira Soares
(Organizadoras)**

**T.E.C.A. – A árvore de junta-cabeças – a experiência da extensão univeristária em uma
brinquedoteca hospitalar. Volume 1.** Campo Grande: Editora Inovar, 2019. 61p.

ISBN: 978-65-80476-34-3.

1. Brinquedoteca hospitalar. 2. Extensão universitária. 3. Infância. 4. Pesquisa. 5. Autoras.
I. Título.

CDD – 610

Os conteúdos dos capítulos são de responsabilidades das autoras e dos autores.

Conselho Científico da Editora Inovar:

Franchys Marizethe Nascimento Santana (UFMS/Brasil); Jucimara Silva Rojas (UFMS/Brasil);
Katyuscia Oshiro (RHEMA Educação/Brasil); Maria Cristina Neves de Azevedo (UFOP/Brasil);
Ordália Alves de Almeida (UFMS/Brasil); Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas
(UnB/Brasil).

Editora Inovar

www.editorainovar.com.br
79002-401 - Campo Grande – MS
2019

COLABORADORES

*Alexandra Coelho de Lucena
Ana Patrícia da Rocha Lima de Paula
Estefane Firmino de Oliveira Lima
Fernanda Ferreira Voss
Ingrid Martins Leite Lúcio
Karina Santos de Moura
Kladson Ramos Cruz
Larissa de Oliveira Soares
Luciano Domingues Bueno
Marcela Barbosa de Farias
Maria Isabel Fernandes Calheiros
Nícolas Pereira Paz
Nívea Kelly Santos da Silva
Rosany Larissa Brito de Oliveira
Sarah Lins de Barros Moreira
Thais Beril Pimentel Vasconcelos
Vanessa Ferry de Oliveira Soares*

A todos/as os/as usuários/as, familiares, profissionais e extensionistas que tornaram esta obra possível. Que ela possa contribuir para a melhoria e o cuidado integral da criança e do/a adolescente!

As/os autoras/es



AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa), à Gerência de Ensino e Pesquisa, à Pró-reitoria de Extensão (Proex) e a todas as pessoas envolvidas nessas instâncias, que nos deram apoio para que a T.E.C.A. pudesse fincar raízes.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO I – PLANTANDO AS SEMENTES	16
1.1 AFINAL, QUAL A ORIGEM DA T.E.C.A.?	17
CAPÍTULO II – FORTALECENDO NOSSAS RAÍZES	24
2.1 FORTALECENDO NOSSAS RAÍZES COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS	25
2.2 QUAIS AS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE EMBASAM AS AÇÕES DO PROJETO?	25
2.2.1 SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)	25
2.3 A POLÍTICA NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO E AS TECNOLOGIAS LEVES EM SAÚDE NA T.E.C.A.	26
2.4 E POR QUE UMA BRINQUEDOTECA?	27
2.5 POR QUE BRINCAR COMO FORMA DE HUMANIZAR?	28
2.6 SAÚDE MENTAL E A T.E.C.A.	30
CAPÍTULO III – AS DIFERENTES RAMIFICAÇÕES	32
3.1 QUAIS AS ATIVIDADES LÚDICAS E TERAPÊUTICAS DESENVOLVIDAS NA T.E.C.A.?	33
3.2 OFICINAS TERAPÊUTICAS	33
3.3 ATIVIDADES LÚDICAS	36
CAPÍTULO IV – A EXTENSÃO COMO UM DOS NUTRIENTES PARA OS FRUTOS	47
4.1 T.E.C.A. COMO AÇÃO DE EXTENSÃO	48
4.2 COMO O PROJETO FUNCIONA?	50
4.3 QUAIS OS OBJETIVOS DO PROJETO?	51
4.4 QUEM FAZ PARTE DESSE PROJETO?	52
4.5 QUAIS AS NOSSAS CONQUISTAS?	53
REFERÊNCIAS	55



APRESENTAÇÃO

LUZ, ÁRVORE, AÇÃO!!

Olá! Se está querendo ler este livro, provavelmente você gosta de pular corda, elástico, amarelinha, jogar bola de meia, subir na casa da árvore... Este livro é sobre o brincar livre. Mas, não é um brincar livre qualquer, é o brincar livre em uma instituição total. Instituições totais são dispositivos normativos, produzidos para eliminar diferenças, subjetividades, padronizar formas de ser e de viver e transformar a vida da gente em vazios de memórias e afetos. Este livro é sobre o brincar livre em um hospital geral. Os hospitais gerais, comumente, não permitem o brincar. Ou mesmo a entrada de crianças, salvo aquelas que irão ali nascer ou serem hospitalizadas. Dizem por aí que hospital é lugar pra gente grande.

Mesmo fora dos hospitais, ouvimos a todo momento um monte de ditos populares em que o brincar é retirado de cena, eliminado ou controlado. Quem nunca ouviu um adulto dizer: “brincadeira tem hora” ou “não brinque em serviço” ou “quem brinca com fogo acaba queimado” (ou mesmo a versão infantil: “faz pipi na cama”). Enfim, crescemos escutando que o brincar era perda de tempo, coisa de quem não tem o que fazer, sempre em oposição ao trabalhar.

Esse livro nos apresenta um universo bastante diferente deste que nos é passado na relação entre o brincar e o trabalho. Apresenta o trabalho do “Programa de Extensão Território Encantado da Criança e do/a Adolescente: tecnologias leves e cuidado multiprofissional em saúde numa brinquedoteca hospitalar” (T.E.C.A.) da Pediatria do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA). Aqui, a gente aprende que “brincar é coisa séria”.

Recebemos um presente, a T.E.C.A. e o que ela nos afeta: vertigens de viagens, sustos de aventuras em terras desconhecidas, arrepios com encontros fantásticos. Encontro neste livro um monte de histórias sobre a T.E.C.A. contadas por gente muito bacana. Gosto muito da

imagem que simboliza o território, sua árvore. Mas não é uma árvore qualquer. É uma árvore que é, também, um brinquedo, um “junta cabeças”, por que “quebrar a cabeça”, não é uma boa.

A T.E.C.A. me lembra poetas, histórias, lembranças que revivem a infância, raízes... inevitável: lembram minha terra, lá nas Minas, e os contadores de causos que conheço. Um, em especial, me ajuda a apresentar este livro: Bartolomeu Campos de Queirós, com um livro chamado “A Árvore”. Faço uma licença poética, uma brincadeira inspirado em seu livro, mesclando-o com a apresentação da T.E.C.A. Aviso aos/as subidores/as de árvores: o que vem abaixo é chão todo feito de palavras/ folhas de Bartô. Se cair do galho, não se preocupe, Bartolomeu acolhe.

Quem chega na Pediatria, de mansinho ou ligeirinho, percebe que a T.E.C.A, esta árvore, é casa para muitos bichos, que só olhos sensíveis e curiosos podem enxergar: passarinhos, borboletas, cigarras, lagartas, formigas...

Passarinhos pousam, repousam em seus galhos, cantam ou ficam calados para bem escutar, de longe, o barulho das praias de Maceió.

Borboletas rebeldes e frágeis visitam a árvore. Borboletas tem vida breve - creio. Borboleta voa saudade (...) e a saudade só é saudade de coisas boas.

Esta árvore acolhe também cigarras. Os grilos são poucos, mas também moram ali. Dizem que grilo gosta mais de escutar do que de cantar. As lagartas que transitam na árvore são lentas e lerdas por necessidade. Já as formigas são rápidas e passageiras.

A T.E.C.A. produz amigos, encontros, gritarias e muitas risadas. Em outros momentos, dá paz, tranquilidade, aconchegância e silêncio. Tem criança que chega ali e quer subir na árvore. Subir, alcançar e comer seu fruto. Tem criança que chega ali e quer ficar na penumbra... Diz que sente vontade de ser folha, mas de cor azul.

A T.E.C.A. tem mistérios que a gente não consegue decifrar... ela não sabe escrever cartas, nem navegar na internet, mas adora mandar notícias. Suspeitamos que ela decifra pensamentos e afetos. Tem criança que quando está triste - daquelas tristezas que dá vontade de deitar no próprio colo - a T.E.C.A. sabe. Ela sabe segredos... Mas, não diz prá gente. Outro dia ouvimos que ela sabia quem tinha colocado a água no coco, lá nas alturas. A gente tenta adivinhar, mas fica a cada dia com mais e mais interrogações.

Pelo muito que a T.E.C.A. nos faz pensar, temos por ela um respeito danado. Ela não sabe, mas também é nossa professora...

Uma vez, uma criança na pediatria disse que a esperança saltou da T.E.C.A. e veio visitá-lo na penumbra, de forma tímida, bem quietinha. Essa criança disse que não sabia se outras esperanças se escondia nessa árvore, mas que imaginava que ela guardava muitas esperanças escondidas. Esse talvez seja o maior presente da T.E.C.A. e este livro tão bacana apresenta tão bem prá gente: acolher esperanças.

Por enquanto, a esperança é que essa leitura possa ser uma grande brincadeira. Então, por que está perdendo seu tempo? Como na Amarelinha, pule logo esta página!

Jefferson Bernardes.

CAPÍTULO I

PLANTANDO AS SEMENTES

*Ana Patrícia da Rocha Lima de Paula
Kladson Ramos Cruz
Maria Isabel Fernandes Calheiros
Nícolas Pereira Paz
Vanessa Ferry de Oliveira Soares
Sarah Lins de Barros Moreira*

Figura 01 – Ambiente da brinquedoteca, em 2017



Fonte: Acervo T.E.C.A., 2017.

1.1 Afinal, qual a origem da T.E.C.A.?

A primeira semente do lúdico na clínica pediátrica do Hospital Universitário Alberto Antunes (Hupaa) foi plantada em meados da década de 1990, quando uma enfermeira da assistência do hospital, Maria Yolanda Pinheiro Lima, junto às técnicas de enfermagem da equipe, começou a integrar ações que proporcionavam momentos de ludicidade ao ambiente hospitalar, por meio de desenhos para colorir. Na época, foi disponibilizado o espaço de uma enfermaria e elaborada uma escala de atividades, na qual, todos os dias, uma auxiliar de enfermagem era designada para a realização de momentos lúdicos.

Maria Sandra Silva da Rocha, auxiliar de enfermagem que vivenciou esse período e ainda integra a equipe, ressalta que eram realizadas atividades recreativas como desenho, pintura e atividades manuais com as mães, como, por exemplo, a confecção de capas de almofadas de fuxico. Reportando-se às suas memórias, Maria Sandra conta que a enfermeira Conceição sempre decorava o setor de acordo com as datas festivas, contando com a ajuda da médica Ana Frank, que, habitualmente, realizava doações para a manutenção das ações. Isso tornava o ambiente aconchegante, cheio de cores e de vida.

No entanto, a necessidade de ampliação de leitos, para atender à demanda de internações, fez com que esse ambiente inicial voltasse a funcionar como enfermaria, e que o espaço para as atividades lúdicas fosse redirecionado, de modo limitado, para o refeitório, o que, a princípio, desmotivou o grupo para a continuidade das ações.

Anos mais tarde, surgiu uma segunda semente, com Nazaré Martins, professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), que lançou a proposta de um projeto de extensão pautado em brincadeiras dirigidas, utilizando o espaço do refeitório. Ela manteve as atividades até sua aposentadoria, em 2013, com foco no desenvolvimento infantil frente ao processo de hospitalização e na produção de estudos sobre tal perspectiva.

No ano de 2015, a terceira semente foi lançada, quando a equipe do Hupaa recebeu trabalhadoras/es oriundos do concurso da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), que resgataram a proposição e a importância dessas atividades no cuidado pediátrico, empenhando-se em preparar o solo para novas sementes, de diferentes áreas, como partes de um grande quebra-cabeça.

A última iniciativa lúdica já havia findado, há dois anos, suas atividades. Os brinquedos resumiam-se a carrinhos e bonecas, em grande parte avariados, armazenados em uma caixa de papelão, no refeitório. Restritas aos seus leitos, as crianças acabavam, em sua maioria, entristecidas e irritadas, apresentando-se como reflexo da difícil rotina hospitalar.

A entrada de profissionais com experiências em saúde mental e reabilitação infantil, habituadas ao trabalho permeado por recursos lúdicos, alavancou a iniciativa de implantação de uma brinquedoteca. O primeiro movimento foi a realização de uma campanha para arrecadação de brinquedos, em outubro de 2015. O resultado superou as expectativas das sementes em crescimento. A causa, sendo abraçada pela comunidade, recebeu uma significativa quantidade de brinquedos. A professora Nazaré, tendo sido acionada, também, prontamente, doou seu acervo de brinquedos e livros.

Mas onde alojar tantos brinquedos? Era necessário um espaço físico, um terreno fértil. Foi quando, em abril de 2016, o refeitório da clínica pediátrica foi subdividido em dois espaços para abrigar um refeitório dos profissionais. Em uma força-tarefa, as profissionais Vanessa Ferry, de psicologia, e Sarah Lins, de terapia ocupacional, então, articularam toda a equipe para a sensibilização dos gestores através de um abaixo-assinado, pedindo que aquele espaço fosse destinado à brinquedoteca – a ação recebeu apoio e autorização do Dr. Iramirton Moreira, então coordenador da Unidade de Atenção à Saúde da Criança e Adolescente (Uasca). Um pequeno território estava preparado para a implantação da brinquedoteca.

Desde a arrecadação dos brinquedos, foi iniciada uma agenda semanal de oficinas terapêuticas e de atividades lúdicas. Com a conquista do espaço físico, Vanessa e Sarah revezaram-se para garantir uma dinâmica de oferta do espaço da brinquedoteca aos pacientes, pelo maior período possível. No entanto, com a demanda dessas profissionais para realização de atendimentos individualizados, a brinquedoteca abria por curtos períodos.

O pleno funcionamento veio com a ideia de trazer estudantes para o espaço, por meio de um projeto de extensão que foi abraçado pela enfermeira Ingrid Martins, docente da Escola de Enfermagem da Ufal. Em sua primeira versão, o projeto foi denominado “Ludoterapia como intervenção multidisciplinar na abordagem a crianças, adolescentes e familiares atendidos pela Unidade de Atenção à Criança e Adolescente – Uasca/Hupaa/Ufal”, com início em agosto de 2016.

Nesse período, as profissionais também estavam envolvidas com a proposta de contação de histórias, que vinha sendo desenvolvida sob liderança da bibliotecária Isabel Calheiros. Foi a origem da ação de extensão “Anjos do Hupaa: a biblioterapia e outras atividades culturais em hospital de ensino e assistência”. “Anjos” e T.E.C.A., como ações de extensão irmanadas, viabilizaram a aproximação de acadêmicas/os e de equipes multidisciplinares com os aspectos terapêuticos da ludicidade. Logo passaram a ser vistos como sinônimo de sorrisos, de cantoria e de brincadeiras.

As atividades do primeiro ano caracterizaram-se, prioritariamente, pela garantia do funcionamento da T.E.C.A. – um espaço para o brincar livre. Nossas/os extensionistas empoderaram-se desse espaço e envolveram-se, ativamente, nas atividades lúdicas e culturais, bem como em eventos e datas comemorativas.

A experiência do primeiro ano de extensão da brinquedoteca apontou para a necessidade de diversos ajustes em relação à metodologia, à operacionalização e até mesmo ao nome. Isso ocorreu em fevereiro de 2018, quando surgiu o edital do Programa Círculos Comunitários de Atividades Extensionistas (ProCCAExt), da Pró-reitoria de Extensão da Ufal. O projeto obteve o primeiro lugar entre os submetidos, conseguindo a disponibilização de três bolsas estudantis. Nesta edição, o projeto assumiu novo nome: “T.E.C.A. – Território Encantado de Crianças e Adolescentes: Tecnologias leves e o cuidado multiprofissional em saúde em uma brinquedoteca hospitalar”. Vale ressaltar que o nome T.E.C.A. (Território Encantado de Crianças e Adolescentes) foi construído coletivamente, por preceptoras/es e extensionistas, para designar o espaço da brinquedoteca.

Podemos considerar que o advento da extensão trouxe à brinquedoteca a possibilidade de, realmente, cumprir a sua função de suporte lúdico. As diversas áreas de saúde encontraram um ponto de interseção, desde a graduação, e o espaço foi disponibilizado aos pacientes com regularidade e em dois turnos, durante a semana. O encontro de estudantes de diversas áreas de formação, no espaço da T.E.C.A., estimulou, ainda, a integração de mais profissionais da equipe ao projeto, bem como a ampliação do uso de recursos lúdicos como instrumentos de trabalho, além de colaboradores de outras instituições de ensino superior de Alagoas.

Com a intenção de instituir um espaço de vivências lúdicas, destinado e planejado para crianças e adolescentes hospitalizados, estruturado para que estas/es se sentissem seguras/os e livres para se expressar, o projeto foi se configurando. A brinquedoteca, mais que uma sala

lúdica, é capaz de provocar um recorte temporal e de proporcionar momentos favoráveis ao escape da árdua rotina de hospitalização.

Ali, apesar de haver brincadeiras sistematizadas, o brincar livre é prioritário, de modo a resgatar a autonomia da criança, que acaba prejudicada pela hospitalização e por abordagens direcionadas unicamente aos pais, mas não às crianças e adolescentes.

A T.E.C.A. é um espaço estruturado para que crianças e adolescentes se sintam seguros e livres para se expressar. Além disso, auxilia na motivação diária, a partir da qual a criança pode interagir e aprender com a situação dela e do outro. O aprendizado ocorre dentro do “mundo” da criança, das coisas que lhe são naturais e, também, daquelas que são novas experiências e descobertas de vida.

Entendemos que brinquedoteca é um espaço lúdico onde não pode existir preconceito. Desenvolvem-se atividades do brincar que são próprias do universo infantil, auxiliando a criança que vivencia a hospitalização, porque possibilita a expressão do seu mundo interior e a comunicação de seus medos, de suas angústias, além da externalização dos sinais e dos sintomas relacionados ao seu processo de adoecimento, que ajudam os profissionais a intervirem em suas necessidades específicas (JONAS et al., 2014).

A hospitalização infantil é uma situação crítica e delicada, que implica mudanças repentinas na rotina de vida e que desencadeia sentimentos diversos, tanto na criança quanto nos seus familiares. Nesse ambiente, a criança vivencia experiências que repercutem no seu desenvolvimento físico e psicológico, e, para ajudá-la no enfrentamento dessas situações hostis, fazem-se necessárias estratégias, como o brincar e até mesmo a adequação da ambiência para que seja ofertada uma assistência adequada, que possibilite minimizar os efeitos emocionais da hospitalização (SILVA; BRANDÃO, 2017).

Ademais, para que as práticas lúdicas sejam realizadas com mais frequência, os hospitais devem oferecer um espaço que atenda, adequadamente, às necessidades da clientela. O ato de brincar é garantido no artigo 16, inciso IV do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Outrossim, uma lei federal, desde 2005, garante que as unidades de saúde públicas ou privadas, que atendem crianças em regime de internação, devem ter as brinquedotecas. Trata-se de uma determinação legal, no Brasil, em virtude da relevância do ato de brincar e do uso do brinquedo (BRASIL, 2005a).

A comunidade atendida pela T.E.C.A. é constituída por crianças e adolescentes de ambos os sexos, residentes em todo o estado de Alagoas e que estão em investigação diagnóstica e/ou possuem doença crônica estabelecida. Utilizam o Sistema Único de Saúde (SUS) para obtenção dos cuidados em saúde. Por isso, o contato é frequente e as internações são recorrentes e prolongadas. Dessa forma, a criança, o/a adolescente e seus familiares têm, então, seu cotidiano alterado, com o consequente prejuízo no desempenho das suas atividades de vida diária, escolar e social.

O lúdico surge, portanto, como um instrumento de humanização, para minimizar os impactos negativos na maturação psicoafetiva da criança ou adolescente que vivencia internação hospitalar. É considerado, ainda, o impacto na família, visto que a hospitalização gera afastamento dos entes, altera a dinâmica familiar e exige contato, muitas vezes prolongado, com normas e rotinas institucionais.

Assim, a clínica pediátrica do Hupaa conquistou, através da ação de extensão universitária T.E.C.A., uma rotina regular de atividades lúdicas (livres e sistematizadas). A inauguração formal do espaço da T.E.C.A. ocorreu em agosto de 2017, com apoio da superintendência do Hupaa, que destacou a importância da institucionalização do espaço e das ações desenvolvidas.

Na ocasião, a T.E.C.A. ganhou um símbolo. Passou a ser identificada por uma árvore de raízes fortes, cuja copa é ornada por um quebra-cabeça, jogo que simboliza a união de extensionistas e profissionais, da universidade e do serviço de saúde, em prol do seu funcionamento, bem como a própria ludicidade.

O nome T.E.C.A., construído de forma conjunta entre diferentes integrantes da equipe, acabou condensando significados e sentidos muito ricos para a compreensão arbórea do projeto: 1) Teca também é o nome de uma árvore de origem asiática, de valor destacado por conta da qualidade de sua madeira; 2) o nome “Teca” tem um grande potencial por soar como um apelido/redução de brinquedoteca, guardando, assim, um potencial laço com o universo infantil (por conta da ludicidade do apelido); 3) a compreensão da dimensão do brincar como um “território encantado” inspira-se na ideia das atividades lúdicas como recurso de conexão entre as pessoas e a cultura, bem como nas potencialidades terapêuticas, como verdadeiros “tarjas brancas” – aqui, numa referência inversa ao uso de medicamentos “tarja preta” (TARJA, 2014).

A nomenclatura (antes adotada) ludoterapia foi substituída pela noção de ações lúdicas, que suplanta a proposta de sessões sistematizadas com objetivos terapêuticos. O conceito do brincar livre, aparentemente despretensioso, passa a ser adotado como tecnologia leve de assistência à saúde e de redução dos impactos negativos da hospitalização na saúde mental. Em dezembro de 2018, tivemos outra conquista, com a ampliação do espaço da brinquedoteca e com a plotagem da divisória de entrada.

Por tecnologias leves compreendem-se as singularidades nos serviços de saúde, a importância do fator relacional e não apenas os instrumentos materializados e de estrutura rígida/concreta que caracterizam as tecnologias duras do trabalho. Envolvem os fazeres e saberes agrupados, com a expressão do trabalho vivo (MERHY, 2005). A T.E.C.A. abre, diariamente, em dois turnos e, nos fins de semana, no turno da manhã. A dinâmica da extensão segue com a realização de registros das atividades em diários de campo e, ainda, em um banco de dados das práticas desenvolvidas.

As ações lúdicas desenvolvidas num ambiente hospitalar, em especial na T.E.C.A., mostraram, no decorrer da vigência da ação de extensão, ser importante auxílio na recuperação e, conseqüentemente, no desenvolvimento integral das crianças atendidas. Além disso, mostraram o potencial favorecedor do desenvolvimento de repertórios de enfrentamento para lidar com os diferentes afetos gerados, pelo tratamento em saúde, nas crianças e adolescentes atendidos.

Atuar com o lúdico inclui, ainda, o fortalecimento da relação entre equipe, criança/adolescente e família, fornecendo orientações para que as atividades desenvolvidas tenham continuidade no ambiente domiciliar. Para tanto, é imprescindível o trabalho contextualizado na cultura regional, o que facilita a identificação e a apropriação das brincadeiras como uma réplica do contexto social em que vivem.

A partir da compreensão de que o espaço da brinquedoteca hospitalar é de uso geral e irrestrito, percebe-se, ainda, que se faz necessário avançar quanto à apropriação do mesmo como espaço para a oferta de cuidados integrais de saúde. Nesse sentido, a extensão passou a desenvolver, também, uma proposta de educação permanente que inclui capacitações para extensionistas e para a equipe técnica da clínica pediátrica. Essas capacitações abordam temáticas pertinentes ao cotidiano da hospitalização pediátrica (tais como acolhimento, vínculo,

elaboração do luto etc.) e, ainda, atuam como potenciais sensibilizadores para a adoção dos recursos lúdicos como instrumentos de trabalho humanizado.

As reflexões produzidas nesse espaço de extensão, em seus dois ciclos iniciais, fomentaram, ainda, a produção de artigos e de relatos de experiência, que foram apresentados em eventos científicos, contribuindo para a divulgação das conquistas alcançadas pela implantação e pelo fortalecimento das práticas lúdicas no ambiente hospitalar. Esse movimento nos aponta que a prática é exitosa e pode ser replicada em outros contextos, em prol do fortalecimento do SUS, tal como ele é vivenciado por crianças e adolescentes (SOARES et al., 2018).

Outro feito dos projetos de extensão T.E.C.A. e Anjos do Hupaa foi realizar, em fevereiro de 2019, o evento denominado *I Workshop: O brincar e suas múltiplas facetas no ambiente hospitalar*. O *workshop* faz parte do projeto de capacitação das duas ações de extensão, no ano de 2019. Foram abertas 200 vagas para o público em geral, sendo voltadas, prioritariamente, para extensionistas e funcionários do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa). Esteve presente, no evento, um total de 173 pessoas.

O *I Workshop* teve como objetivo a capacitação para a aplicação de práticas lúdicas em extensão, junto a pacientes e acompanhantes que vivenciam internação em ambiente hospitalar, bem como a sensibilização dos ouvintes quanto à necessidade de inserção do brincar na assistência em saúde integral a crianças e adolescentes, de maneira multiprofissional. O evento visou, também, à arrecadação de materiais para a realização das atividades lúdicas da brinquedoteca. O objetivo foi alcançado com êxito.

Durante a programação do evento, foram apresentadas as palestras sobre: a importância do brincar para o desenvolvimento infantil; o projeto de extensão e a brinquedoteca hospitalar T.E.C.A.; o projeto de extensão Rede Mãos Dadas em Apoio às Mães Universitárias (Remad); a arte de contar histórias; o brinquedo terapêutico; e a estimulação precoce.

CAPÍTULO II

FORTALECENDO NOSSAS RAÍZES

*Estefane Firmino de Oliveira Lima
Thais Beril Pimentel Vasconcelos
Nívea Kelly Santos da Silva
Alexandra Coelho de Lucena
Karina Santos de Moura*

Figura 02 – Encontro de confraternização dos projetos de extensão T.E.C.A. e Anjos do Hupaa.



Fonte: Acervo T.E.C.A., 201?

2.1 Fortalecendo nossas raízes com as políticas públicas

Podemos considerar que algumas políticas públicas vêm nortear um trabalho que sustenta novos olhares para os/as usuários/as, sejam eles/as crianças, adolescentes, adultos/as ou idosos/as. Elas possibilitam, ainda, novas práticas que conversam com as atividades realizadas por esse projeto de extensão.

2.2 Quais as políticas públicas que embasam as ações do projeto?

2.2.1 Sistema Único de Saúde (SUS)

Não podemos nos esquecer de que a brinquedoteca T.E.C.A. funciona dentro de um hospital universitário, com recursos públicos provenientes da rede do Sistema Único de Saúde (SUS) e de campanhas de doações.

O que é o SUS?

O SUS é fruto de movimentos sociais. Foi com o Movimento da Reforma Sanitária (formado por profissionais, em conjunto com os movimentos sociais e com a sociedade civil organizada), na década de 1970, que se deu o pontapé inicial para a criação de um sistema de saúde público e universal.

Na década de 1990, foram criadas as leis que regem o Sistema Único de Saúde (SUS) e regulamentam suas ações, serviços e projetos (as leis 8.080/90 e 8.142/90). Após a criação dessas leis, o SUS cresceu em termos de abrangência populacional, dado o seu caráter universal. Seus princípios e diretrizes mostram o quão evoluído é esse sistema, pois ele traz um modelo de saúde descentralizado e participativo, nas três esferas de governo. Além de levar em conta a territorialidade, incentiva a participação da população brasileira nas tomadas de decisões e integra as ações público-privadas (BRASIL, 1990b). O SUS possui, ainda, um sistema definido de organização, funcionamento e financiamento. Por esses e outros motivos, esse sistema de saúde pública vem sendo considerado um modelo para muitos outros países (VASCONCELOS; PASCHE, 2006).

As discussões acerca do atendimento aos usuários do SUS, na contemporaneidade, giram em torno da criação de estratégias para a superação do modelo biomédico, mecanicista e centrado na doença. A T.E.C.A., em todas as suas ações e atividades, busca formas diferenciadas de atenção à saúde, que entendam o sujeito como um ser integrado. É por meio do modelo

biopsicossocial que direcionamos os cuidados voltados para as crianças e os/as adolescentes, seus familiares e acompanhantes. Por meio das ações integradas e interdisciplinares, com articulações intra e interinstitucionais, o projeto promove uma melhor forma de atendimento aos/às usuários/as do SUS na clínica pediátrica (PEREIRA; BARROS; AUGUSTO, 2011).

2.3 A Política Nacional de Humanização e as Tecnologias Leves em Saúde na T.E.C.A.

Um grande salto para a melhoria do atendimento aos usuários, no âmbito do SUS, foi a implantação da Política Nacional de Humanização (PNH), criada pelo Ministério da Saúde em 2003, com o intuito de implantar uma nova forma de cuidado na saúde brasileira (BRASIL, 2005b). Entende-se que, na proposta da PNH, a humanização na atenção à saúde envolve o resgate das dimensões humanas, baseadas no respeito, na subjetividade e na valorização de todos os envolvidos nesse processo. Concebe, ainda, o papel do profissional de saúde como cuidador que possibilita a transformação das práticas em saúde, através do uso de tecnologias, do acolhimento e do cuidado (PEREIRA; BARROS; AUGUSTO, 2011; BRÊDA et al., 2005).

Nesse sentido, essa política faz uso das Tecnologias Leves em Saúde (TLS), que “[...] se refere às tecnologias de relações, de produção de comunicação, de acolhimento, de vínculos, de autonomização” (MERHY; ONOCKO, 1997 apud SILVA; ALVIM; FIGUEIREDO, 2008, p. 292). Assim, as TLS são usadas, no ambiente hospitalar, como ferramentas importantes no alívio de tensões causadas pela internação e por seus efeitos. Desse modo, são essenciais para a humanização do cuidado das crianças e adolescentes. Diante disso, é possível perceber a operacionalização da PNH e da TLS no cotidiano da brinquedoteca T.E.C.A., na clínica pediátrica do Hupaa, na medida em que as crianças e os/as adolescentes são atendidos/as pelos/as profissionais/extensionistas que se preocupam com a acolhida, com a escuta qualificada, com a criação e o fortalecimento de vínculos, buscando entender e atender aos/às usuários/as em sua subjetividade e nas suas especificidades, de acordo com cada necessidade (FERRI et al., 2007).

As ações humanizadas utilizadas na T.E.C.A., envolvendo a PNH e as TLS, são as brincadeiras, os jogos, a contação de histórias, as pinturas, os desenhos, o teatro de fantoches, o canto, as músicas e, principalmente, o brincar livre. Além dessas, podemos mencionar:

- Dia Feliz: cada criança e/ou adolescente recebe um café da manhã especial, na manhã de seu aniversário, levando em consideração a dieta balanceada e/ou a restrição alimentar de cada paciente.
- Aniversariantes do mês: realiza-se, ao final de cada mês, uma comemoração para celebrar os aniversários das crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica do Hupaa. O evento conta com decoração temática, música, brincadeiras, comidas, bebidas e bolo de aniversário.
- Dia do Irmão: momento em que se permite a entrada dos irmãos/primos, de qualquer idade, para visita de crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica do Hupaa.
- Visita do PET: o animal de estimação, devidamente cuidado, pode passar um período do dia na área externa do hospital. A visita do animal de estimação pode proporcionar alegria não só ao dono do animal, mas também às demais crianças que estão internadas e que podem compartilhar essa presença animal.

Datas comemorativas: em diversas épocas festivas, são desenvolvidas ações com as crianças, os/as adolescentes, os/ as acompanhantes/familiares e a própria equipe. Essas ações são: o Carnaval das crianças, com o bloco PedFolia; o Dia da Mulher (dia de beleza); a comemoração da Páscoa; o Dia das Mães; a Festa de São João; o Dia dos Pais; a semana do Dia das Crianças; o *Halloween*; o Natal; as atividades culturais.

Trata-se de atividades educativas e participativas que, além de ajudar na minimização dos impactos da hospitalização, promovem acolhimento, interação, comunicação, socialização, construção e fortalecimento de vínculos. Como podemos observar, as ações visam a um atendimento como base central das relações humanas, rompendo a distância nas relações entre profissionais e usuários, bem como buscando manter uma proximidade entre os sujeitos e possibilitando a efetivação dessa nova forma de cuidado com a saúde (BRASIL, 2005b).

2.4 E por que uma brinquedoteca?

Destaca-se que um dos recursos centrais que fundamentaram a implantação da T.E.C.A. foi a Lei 11.104/2005, que dispõe sobre a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

Nos termos dessa lei, considera-se brinquedoteca o espaço equipado com brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar de forma livre, mediados por recursos lúdicos diversos. A brinquedoteca também é considerada um lugar de diálogo multiprofissional e de encontro de todos que interagem e se ocupam das crianças: não apenas a equipe de saúde, mas, também, os outros funcionários e os familiares. A referida lei estabelece as diretrizes primordiais para a criação e o funcionamento das brinquedotecas hospitalares, com apoio obrigatório da direção da unidade de saúde (BRASIL, 2005a).

Essa lei está em consonância com a política de humanização hospitalar, que se tornou meta nacional de saúde e ganhou consistência apenas no último decênio, com o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), de 2001, e com a Política Nacional de Humanização (PNH), de 2005. Outro aspecto legal é a proposição do Ministério da Justiça e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Desde outubro de 1995, a Resolução nº 41 prevê que toda criança e adolescente hospitalizado tem o “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar” (CONANDA, 1995).

Em busca de garantir os direitos necessários para o público infanto-juvenil, a observação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também se faz importante dentro do universo infantil hospitalar. Surgido em 13 de julho de 1990, com a Lei nº 8.069, o documento traz a luta pela proteção integral à criança e ao adolescente, uma vez que propõe a garantia do direito à vida e à saúde destes, permitindo seu desenvolvimento sadio e em condições dignas de existência. Além disso, esse direito deve ser garantido desde o momento em que a mãe está gestante, sendo dever do hospital garantir o seu acolhimento e os devidos cuidados para um nascimento saudável. Da mesma forma, os direitos devem ser garantidos quando a criança, em seu crescimento, adoece e passa a precisar de cuidados hospitalares e internações (BRASIL, 1990a).

A T.E.C.A. é, pois, resultado de uma lei. Diversos aspectos legais a sustentam, porque a brinquedoteca é um DIREITO.

2.5 Por que BRINCAR como forma de humanizar?

O movimento de humanização hospitalar entende o brincar como fator imprescindível para o desenvolvimento infantil (BRASIL, 2005b). A T.E.C.A. é uma estratégia que visa a

proporcionar o desenvolvimento físico, psíquico, social e cognitivo das crianças e adolescentes, através do uso de atividades lúdicas (brincadeiras, contação de histórias, leituras, jogos diversos, desenhos, pinturas, apresentação de filmes e vídeos etc.).

Tem-se claro que a implantação da T.E.C.A., além de garantir o direito da criança e do adolescente, constitui-se como uma estratégia para promover o atendimento humanizado durante a hospitalização, o que requer mudanças na forma de atendimento e nas relações entre todos os envolvidos. Tais mudanças devem ser trabalhadas no cotidiano profissional, e a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS) proporciona aos trabalhadores da saúde uma formação para melhorar as práticas profissionais no atendimento aos usuários dos serviços de saúde.

A PNEPS evidencia, também, o papel da equipe multidisciplinar e o caráter social da ação educativa realizada nos processos de trabalho coletivo, sem negar a importância da formação técnica específica (BRASIL, 2004). O eixo para a formulação, implementação e avaliação da Educação Permanente em Saúde (EPS) deve ser o da integralidade e o da implicação com os usuários.

É necessário ressaltar que a articulação entre o projeto de extensão universitária desenvolvido na T.E.C.A. e a EPS reforça o compromisso social, na medida em que estimula a participação da universidade no desenvolvimento de políticas públicas. No caso em questão, o cuidado com a saúde integral da criança, do adolescente e da família.

As práticas extensionistas, na T.E.C.A., articulam-se com o processo de EPS de forma muito particular, pois são construídas com base em uma metodologia dialógica, com o envolvimento de professores, técnicos, estudantes e profissionais externos à universidade (no caso, gestores municipais ou profissionais da área da saúde).

O artigo 16 do ECA apresenta, de maneira clara, o direito à liberdade para brincar e divertir-se (BRASIL, 1990a). Dessa forma, é perceptível que não poderia ser diferente, pois o brincar é a principal ocupação da criança. Ao analisar o ambiente hospitalar, percebe-se que o hospital não foi um ambiente construído para uma criança. Os corredores carregam uma hostilidade, na maioria das unidades, e muitas infâncias têm sido prejudicadas ao longo dos anos de internamento. A criança adoecida perde, muitas vezes, o vínculo com a maior parte dos seus familiares e amigos. O cotidiano escolar também se torna interrompido, e o brincar, que é

inerente à criança, tem sido abandonado, acarretando atrasos no desenvolvimento infantil e na busca por uma infância saudável.

Esse estatuto também fala sobre “divertir-se”, ou seja, não basta ter os brinquedos, mas o brincar deve ser parte do tratamento terapêutico, assegurando momentos satisfatórios para a criança. Dentro desse universo de busca por estratégias lúdicas, considera-se relevante o acompanhamento dos familiares no processo de hospitalização e nas medidas de cuidado, para que a criança e o adolescente possam sentir-se seguros com esse apoio familiar, aderindo ao tratamento.

A atenção sensível e empática com a utilização do brinquedo está em harmonia com o que é recomendado pela Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde. Nessa perspectiva, o uso das tecnologias leves em saúde está entre as estratégias que tornam possível a criação de um espaço hospitalar mais humanizado (FRANCISCHINELLI; ALMEIDA; FERNANDES, 2012).

No artigo 53 do ECA, é garantido, em alguns dos seus parágrafos, o direito à educação, à cultura e ao lazer (BRASIL, 1990a). Na vivência de hospitalização, é um desafio, para a equipe de saúde, abarcar todas essas linhas de cuidado. Porém, o espaço da brinquedoteca tem se tornado um lugar que pode beneficiar a criança em termos de educação, quando é realizado um brincar de qualidade, em termos de cultura, quando são valorizadas as crenças e comportamentos de seu contexto, e em termos de lazer, quando a criança é tirada do leito e alcança um bem-estar no brincar. O desafio da busca por uma educação é algo que necessita de maior intervenção, abarcando outros profissionais que se formam no meio educacional e que trabalham no ambiente hospitalar (MILAN, 2014).

2.6 Saúde mental e a T.E.C.A.

A portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015, instituiu a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC). Essa política permite a articulação com todos os níveis de atenção em saúde, para segurança no âmbito do Sistema Único de Saúde, considerando a legislação e a necessidade de promover uma oferta integral de cuidado à criança.

Partindo desse entendimento, a implementação da T.E.C.A. procura permitir à criança um desenvolvimento melhor, integral e mais humanizado, para que o processo de hospitalização se

torne mais acolhedor e fácil para aquela criança, e para que ela se torne um parceiro ativo em sua internação.

A PNAISC possui alguns princípios que estão ligados à implementação e ao funcionamento das brinquedotecas em hospitais brasileiros, como a integralidade do cuidado, o direito à vida e à saúde, a prioridade absoluta da criança e a humanização da atenção (BRASIL, 2015). Todos esses princípios são intrínsecos à ação da T.E.C.A., uma vez que são fundamentais para a qualificação do trabalho em saúde realizado dentro dela.

Não podemos deixar de citar a portaria 336, publicada em 19 de fevereiro de 2002, que traz atribuições legais sobre o modelo assistencial, na perspectiva da saúde mental (BRASIL, 2002). Essa política, que nasceu no âmbito psiquiátrico, vem sendo, atualmente, utilizada como referência não só para pessoas com transtornos mentais, mas para iniciativas de outros serviços. Dessa forma, pode beneficiar, também, a assistência hospitalar.

A política de saúde mental e a portaria 336 trazem, em suas atribuições, uma amplitude de possibilidades para diversos tipos de atendimento em saúde, quando realizado por uma equipe interprofissional comprometida com o cuidado em relação à saúde mental da criança e com a preservação do desenvolvimento saudável para o futuro dessas vidas.

Uma ferramenta muito importante na saúde mental são as oficinas terapêuticas (BRASIL, 2015). Percebemos como esse método traz uma infinidade de possibilidades em intervenções, pois os dias de internamento para a criança, adolescente e seus familiares são vividos de maneira apreensiva. Esse processo traz prejuízos para a saúde mental, o que se busca minimizar nas oficinas terapêuticas. A partir do aprendizado desenvolvido nas oficinas, os acompanhantes/familiares podem ensinar algo aos seus pares, vizinhos e/ou comunidade, bem como se beneficiar por meio da revenda dos produtos, após a saída do processo hospitalar.

Além disso, ao realizarmos as atividades grupais, os/as acompanhantes passam a se relacionar e a compartilhar suas angústias, as tensões diante da experiência hospitalar e os diagnósticos dos/as filhos/as. Com as crianças e os adolescentes, também é possível encontrar qualidade em um cuidado por meio das brincadeiras e oficinas. As crianças que são prejudicadas pelo afastamento das dinâmicas rotineiras podem, nesse processo, construir relações sociais com os seus pares e aprender novas habilidades por meio das oficinas, contribuindo para o seu processo de saúde mental e de desenvolvimento (MIRANDA; COHEN, 2013).

CAPÍTULO III

AS DIFERENTES RAMIFICAÇÕES

*Vanessa Ferry de Oliveira Soares
Sarah Lins de Barros Moreira
Maria Isabel Fernandes Calheiros
Larissa de Oliveira Soares
Rosany Larissa Brito de Oliveira
Luciano Domingues Bueno*

Figura 03 – Oficina Terapêutica de Confeccção de Brinquedo.



Fonte: Acervo T.E.C.A., 2018.

3.1 Quais as atividades lúdicas e terapêuticas desenvolvidas na T.E.C.A.?

O espaço da T.E.C.A. caracteriza-se como lugar de desenvolvimento do brincar livre para crianças e adolescentes hospitalizados no Hupaa, que também acolhe seus acompanhantes em muitas das atividades lúdicas produzidas. Então, brinquedos os mais diversos são disponibilizados para nossas crianças e adolescentes, dando-lhes autonomia e liberdade, no intuito de contribuir e estimular o convívio social e o desenvolvimento da percepção do mundo que os cerca. Nesse caso, o ambiente hospitalar, antes hostil, ganha nuances de acolhimento e de encanto.

Outras atividades lúdicas e terapêuticas são apresentadas às nossas crianças, adolescentes e acompanhantes. Tais atividades são planejadas e realizadas com o envolvimento de uma equipe multidisciplinar composta de: terapeuta ocupacional, psicóloga, bibliotecária, odontóloga, enfermeira e nutricionista. Além dessas profissionais, discentes de várias unidades acadêmicas da Ufal e de outras instituições de ensino superior de Maceió, por meio de projetos de extensão, de estágios obrigatórios e de aulas práticas de cursos da área da saúde, contribuem para o funcionamento da T.E.C.A..

As atividades lúdicas e terapêuticas dirigidas ocorrem após um planejamento coletivo para discutir os objetivos da atividade, sua metodologia, os materiais necessários e o público-alvo. Vale ressaltar que ocorrem no intervalo máximo de uma hora, para que se concilie, dentro de um turno, com a oferta do brincar livre. Também são considerados aspectos característicos, tais como idade, gênero, inserção escolar, entre outros. É construído um cronograma mensal das atividades dirigidas, para melhor organização da rotina. Abaixo, descrevemos algumas delas.

3.2 Oficinas terapêuticas

As oficinas terapêuticas seguem uma rotina de planejamento anual, que é revisto, mensalmente, caso haja necessidade de inserção de uma atividade nova. Ocorrem no espaço do refeitório, na brinquedoteca ou nas enfermarias, para as crianças restritas ao leito. A metodologia inclui o convite à participação dos pacientes e acompanhantes, em cada enfermaria. Em seguida, a apresentação da equipe e da proposta da atividade a ser desenvolvida, com a explicação do passo a passo de cada oficina.

Os objetivos da oficina são, então, explicados e discutidos, abrindo-se espaço para a expressão de dúvidas e/ou de questionamentos. Durante a realização da oficina, profissionais e extensionistas dão suporte/auxílio aos pacientes e/ou acompanhantes que manifestam dificuldades no desempenho. Ao término da atividade, é aferido um *feedback* dos participantes quanto à efetividade da atividade proposta, à satisfação e às atividades futuras.

Os produtos confeccionados nas oficinas de geração de renda são disponibilizados para que cada paciente/acompanhante leve, consigo, uma unidade do que produziu. As outras são destinadas à exposição no bazar da T.E.C.A.. As profissionais responsáveis por essas oficinas são a psicóloga e a terapeuta ocupacional, além de estagiários e extensionistas. A oficina é realizada em encontros grupais semanais, com duração entre 80 e 120 minutos. Participam da oficina adolescentes, crianças maiores e acompanhantes da clínica pediátrica, desde que não se ultrapasse o número de 15 (quinze) participantes. As oficinas terapêuticas estão dispostas em cinco modalidades, da seguinte forma:

Oficina de geração de renda

- O que é?

De forma lúdica, confeccionamos objetos com valor comercializável, desenvolvendo o aprendizado de habilidades e potencialidades, promovendo o resgate da autoestima através da produtividade e proporcionando o alívio do estresse oriundo da hospitalização, fazendo, para tanto, uso da interação em grupo e do entretenimento.

- O que fazemos?

Confecção de chaveiros, chocalhos, suportes de celular, decorações de caixa de papelão, descansos de panela (utilizando pregadores de roupa), caixas de palitos de picolé, bijuterias, fuxicos, flores de feltro, porta-retratos em EVA, bordados, customização de garrafas de vidro, porta-lápis, flores em papel crepom, ímãs de geladeira *biscuit*, bonecos de feltro e guirlandas decorativas, entre outros produtos.

Oficina de brinquedos

- O que é?

Confeccionamos brinquedos utilizando material de baixo custo, reciclável e de fácil acesso. Assim, incentivamos a conscientização em relação à preservação ambiental, através da

reciclagem e, ainda, promovemos um espaço de interações e de lazer, como alternativa para reduzir o impacto negativo da rotina de hospitalização.

- O que fazemos?

Produzimos brinquedos, a exemplo de boliches, animais confeccionados com CDs e EVA, fantoches de caixas longa vida ou de meias, cofres de lata de leite, bonecas de pano, carrinhos, vaivéns e aviões de garrafa PET, jogos de tabuleiro, bonequinhos de balão e farinha de trigo, móveis de feltro, entre outros.

Oficinas temáticas

As oficinas temáticas possibilitam a produção de itens decorativos e/ou atividades referentes a datas comemorativas, visando a contextualizar, no âmbito hospitalar, o calendário festivo anual, que inclui festas como o Carnaval, o Dia da Mulher, a Páscoa, o Dia das Mães, a Festa Junina, o Dia dos Pais, o Dia do Folclore, o Dia das Crianças, a Independência do Brasil e o Natal. Assim, as oficinas promovem a aproximação de usuários e acompanhantes com essas festividades sociais e culturais. Para além disso, observam-se ganhos na autoestima e na autoimagem das mães/acompanhantes, bem como uma melhoria do vínculo destas com a equipe.

Oficinas de confecção de objetos decorativos

- O que é?

São atividades que têm como finalidade a confecção de objetos de decoração e de produtos temáticos, que estimulam a criatividade, a imaginação, a coordenação motora, a construção de vínculos e a interação social.

- Como fazemos?

As oficinas para confecção de objetos decorativos trazem, para o setor pediátrico, o fazer artesanal da produção de enfeites decorativos temáticos para ornamentação do setor, em datas festivas e comemorativas. Entre esses enfeites, temos as máscaras carnavalescas, o estandarte do bloco, os painéis decorativos, a customização de garrafas com chita e adereços, a confecção de flores e de guirlandas de natal.

Oficina da beleza

- O que é?

Oficina realizada nos meses de março e maio, em comemoração ao dia da mulher e ao dia das mães, respectivamente. A oficina conta com os profissionais e discentes em atividade no hospital e com profissionais atuantes no setor de serviços de beleza, como cabeleireiros e maquiadores, que, voluntariamente, vêm ao hospital prestar seus serviços às usuárias e acompanhantes.

- Para que fazemos?

Para resgatar e fortalecer a autoestima das acompanhantes e usuárias, por meio de orientações de autocuidados.

Oficina expressiva

- O que é?

Atividade que dá vazão à expressão das emoções e à abordagem dos conteúdos subjetivos das pessoas que vivenciam a internação hospitalar.

- O que fazemos?

Produção de murais, diários, *origami* em papel de seda, mandalas, pinturas, desenhos, colagens e/ou outras formas de expressão que possam, de alguma forma, externar os conteúdos dos participantes.

3.3 Atividades lúdicas

Brincar livre

- O que é?

O brincar livre configura-se quando a própria criança escolhe a atividade lúdica que irá realizar. Nesse tipo de atividade, não há direcionamento de regras, imposições, objetivos de aprendizagem e modos de funcionamento como estímulo para uma determinada intenção. A criança é deixada livre para explorar o momento e o ambiente da brinquedoteca no seu próprio tempo, no seu próprio ritmo e em suas condições para criar a **brincadeira** que quiser, de acordo com a sua imaginação, criatividade e vontade.

Diante disso, a inserção do brinquedo no ambiente hospitalar, além de amenizar o sofrimento da criança e a ansiedade relacionada a todas as questões fisiológicas que acontecem em seu processo de adoecimento e recuperação, promove a garantia de seu crescimento, visto que é um recurso terapêutico importante. O brincar estimula o desenvolvimento físico, psicológico, social e moral, auxiliando no aperfeiçoamento das habilidades psicomotoras (FALBO et al., 2012).

- Por que fazemos?

Os ganhos desse processo de ressignificação do contexto hospitalar, por meio do brincar livre, influenciam, benéficamente, na adesão ao tratamento. Além disso, melhoram a relação dos pacientes com os profissionais durante os procedimentos, bem como o convívio do paciente com acompanhantes e familiares.

Criamos condições que contribuam para a atenuação das rupturas das crianças e adolescentes, a partir da dimensão cotidiana de vivência do lúdico e dos processos criativos, que guardam potencialidade para enfrentar e solucionar problemas (VIGOTSKI, 2009), surgidos dentro e fora de seu processo de adoecimento. Buscamos estabelecer rotinas lúdicas, no contexto hospitalar, que possam estruturar um compromisso com a humanização enquanto expressão ética (BACKES; LUNARDI; LUNARDI FILHO, 2006).

- Como fazemos?

A atividade do brincar livre configura-se de maneiras diversas, dependendo da escolha, pois, durante o brincar, é privilegiado o aspecto de protagonismo dos pacientes e de seus acompanhantes, que podem decidir como participar e até mesmo propor aquilo que querem desenvolver.

Pode-se destacar a utilização de jogos e brinquedos de faz de conta, leitura de livros infantis, desenhos e pinturas, jogos no *videogame*, exibição de filmes e músicas infantis, uso de *tablets* etc. Essa atividade vem ocorrendo, diariamente, no espaço da brinquedoteca e nos leitos das enfermarias, na tentativa de criar uma rotina hospitalar diferenciada no setor pediátrico.

O material utilizado diariamente faz parte do acervo da brinquedoteca, obtido através de doações de funcionários do hospital e de membros da comunidade. O acervo consiste em brinquedos variados, jogos, livros e outros recursos (artigos de papelaria, televisor, aparelho de DVD).

Assim, a autonomia das crianças e adolescentes, em seus processos de cuidado, é preservada e estimulada dentro do ambiente da brinquedoteca, pois podem preencher boa parte do seu dia com atividades que lhes sejam prazerosas. Os profissionais responsáveis são a terapeuta ocupacional e a psicóloga do setor, com a participação dos estagiários e extensionistas.

As atividades ocorrem de segunda a sexta-feira, nos dois horários, totalizando oito horas diárias, e, aos sábados e domingos, pela manhã, totalizando quatro horas diárias. Participam das atividades crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica e seus pais e/ou seus acompanhantes, com adesão espontânea.

Atividades lúdicas de higiene bucal

- Por que fazemos?

O objetivo é levar as crianças a: aprender os cuidados de saúde bucal, com foco na prevenção das doenças bucais mais frequentes (como a cárie e a doença periodontal); criar e fortalecer bons hábitos de higiene bucal; aprender as técnicas de escovação dentária (que são adequadas a cada faixa etária); realizar escovação dentária supervisionada; adquirir o hábito da alimentação saudável; desenvolver práticas de autocuidado. São também realizadas atividades educativas com os acompanhantes sobre saúde bucal, com entrega de folheto educativo. Vale ressaltar que todas as atividades educativas são realizadas com a utilização do lúdico como recurso terapêutico.

A profissional responsável é a cirurgiã-dentista do hospital, que conta com a participação dos estagiários e extensionistas. A oficina é realizada em encontros grupais semanais, na brinquedoteca, com duração entre 60 e 80 minutos. Participam desse tipo de atividade acompanhantes, crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica, com adesão espontânea, num número máximo de 15 (quinze) participantes.

- O que fazemos?

Teatro de fantoches, atividade de recorte e colagem, contação de histórias, escovação dentária supervisionada, jogos de tabuleiro, brincar livre e atividades de desenho e pintura.

Atividades lúdicas de educação nutricional

- O que é?

A formação de hábitos alimentares tem início na infância e, quando uma criança ou um adolescente é diagnosticado com uma patologia crônica, as mudanças na alimentação podem ser determinantes para a recuperação de sua saúde e para a prevenção de agravos futuros.

A educação alimentar e nutricional, durante a internação hospitalar, tem seu espaço nas orientações de pacientes e de seus acompanhantes, para a construção de novos conhecimentos sobre alimentação e a transformação dos hábitos alimentares, o que, geralmente, repercute de forma positiva em toda a família.

- Por que fazemos?

Para promover a formação de hábitos alimentares saudáveis na infância, considerando as especificidades e restrições alimentares das patologias das crianças e dos adolescentes assistidos na clínica pediátrica, de modo a contribuir, de forma lúdica, para uma melhor assimilação das orientações e, assim, favorecer a recuperação e a manutenção do estado nutricional e a promoção da saúde.

A profissional responsável é a nutricionista do hospital, com a participação de estagiários e extensionistas. As oficinas são realizadas em encontros grupais mensais, ou por demanda específica, na brinquedoteca e/ou no refeitório, com duração média de 60 minutos. Participam desse tipo de atividade crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica e seus pais e/ou seus acompanhantes, com adesão espontânea ou direcionada a grupos de pacientes com determinadas patologias que têm indicação de restrições de alimentos e/ou nutrientes.

- O que fazemos?

Atividades com abordagem sobre aleitamento materno; introdução de alimentação complementar; alimentação saudável na infância; preparo de receitas saudáveis; restrição de alimentos e/ ou nutrientes, tais como sódio e açúcar; importância da hidratação; higiene dos alimentos, entre outras.

São realizadas rodas de conversa, oficinas práticas, pintura de desenhos impressos, apresentação de vídeos educativos e teatro de fantoches. Além disso, são entregues orientações por escrito/ impressas, reforçando os temas abordados, que devem ser levadas para o seguimento em casa.

Atividades lúdicas dirigidas

- Por que fazemos?

As atividades promovem o encontro entre iguais, a interação com o meio e a socialização; contribuem para o desenvolvimento global; favorecem a autonomia, a reciprocidade e a capacidade de raciocínio e de argumentação; estimulam os aspectos cognitivos e psicoativos; minimizam os efeitos da hospitalização; auxiliam a criança a superar adversidades. Além disso, permitem a construção conjunta de espaços de fala/escuta e de expressão das emoções através das linguagens verbal e não verbal, bem como da reprodução de aspectos da realidade através dos brinquedos.

- Como fazemos?

São realizados a atividade de brincar de médico, as brincadeiras de faz de conta, os jogos temáticos, a contação de histórias e o teatro de fantoches, que abordam temas específicos, de acordo com a necessidade.

Na atividade de brincar de médico, inicialmente, é realizada a contação de uma história que aborda a temática da hospitalização infantil. Em seguida, são oferecidos aos participantes diversos materiais utilizados na enfermaria, tanto reais como em apresentação lúdica. Os bonecos utilizados são tratados como “pacientes”, para que a brincadeira se torne real e interativa.

A manipulação livre de materiais hospitalares usuais, como seringas vazias, suportes e frascos de soro, equipos de medicação, gaze, algodão, esparadrapo e outros materiais, possibilita observar a transposição de situações vivenciadas pelas crianças durante o período de hospitalização para a brincadeira, transformando os objetos hospitalares em objetos lúdicos.

As crianças são chamadas a criar e encenar personagens da equipe de saúde. As situações são representadas em bonecos-pacientes, simulando os procedimentos aos quais os próprios pacientes são submetidos durante o tratamento. Nesse momento, a possibilidade de manipular o material hospitalar diminui as dúvidas e o medo criados pela criança diante da sua utilização. A contextualização sobre os procedimentos clínicos, seus objetivos e necessidades ajuda o paciente a esclarecer dúvidas decorrentes do adoecimento e da hospitalização.

Os profissionais responsáveis são a terapeuta ocupacional e a psicóloga do setor, com a participação dos estagiários e extensionistas. As atividades são realizadas em encontros grupais ou individuais, semanalmente, na brinquedoteca, com duração de aproximadamente 60 minutos. Participam desse tipo de atividade crianças e adolescentes internados na clínica

pediátrica, desde que a adesão seja espontânea e não se ultrapasse o número de 15 (quinze) participantes.

Grupo de visitas supervisionadas

- O que é?

Proporcionamos a visita dos irmãos, primos e de outras crianças que têm vínculo com os usuários internados, visando a reduzir o estresse do distanciamento familiar que é ocasionado pela internação. Os profissionais responsáveis são a terapeuta ocupacional e a psicóloga do setor, com a participação dos estagiários e extensionistas.

- Como fazemos?

Nos dias de quarta-feira, os turnos da manhã e da tarde são disponibilizados para visita autorizada de outras crianças que tenham vínculo com os pacientes, bem como de seus animais de estimação, desde que em ambiente controlado (no interior da T.E.C.A., a visita das crianças; no pátio externo, a visita dos animais) e devidamente monitorado por, pelo menos, um/uma estagiário/a ou preceptor/a, além dos/as extensionistas.

As visitas ocorrem uma vez por semana, às quartas-feiras, de 8h00min às 11h30min, ou de 13h00min às 16h30min, com duração de, no máximo, três horas e meia. Participam desse tipo de atividade crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica, desde que a adesão seja espontânea e não se ultrapasse o total de 15 (quinze) participantes.

Cine-T.E.C.A.

- O que é?

Exibimos filmes previamente selecionados, minimizando os impactos negativos da hospitalização. Os profissionais responsáveis são a terapeuta ocupacional, a psicóloga do setor e a cirurgiã-dentista do hospital, com a participação dos estagiários e extensionistas.

- Como fazemos?

Semanalmente, na brinquedoteca T.E.C.A., no refeitório da clínica pediátrica ou na sala audiovisual do memorial do Hupaa, são realizadas as sessões de cinema. Os filmes selecionados, preferencialmente, abordam temáticas como o autocuidado, o processo de desenvolvimento da criança e o fortalecimento das relações e dos vínculos familiares. As sessões de cinema ocorrem uma vez por semana, com duração de, no máximo, duas horas. Participam dessa atividade os

profissionais de saúde, os acompanhantes e as crianças/adolescentes internados na clínica pediátrica.

Grupo de acolhimento

O que é?

O acolhimento é uma escuta qualificada que, segundo o Ministério da Saúde, é uma ação técnico-assistencial que pressupõe a mudança da relação profissional/usuário e de sua rede social, através de parâmetros técnicos, éticos, humanitários e de solidariedade, reconhecendo o usuário como sujeito e participante ativo no processo de produção de saúde (BRASIL, 2006).

Esse acolhimento deve comparecer e sustentar a relação entre equipes/serviços e usuários/populações. Como valor das práticas de saúde, deve ser construído de forma coletiva, a partir da análise dos processos de trabalho, e tem como objetivo a construção de relações de confiança, de compromisso e de vínculo entre as equipes e os serviços, o trabalhador e as equipes, bem como entre os usuários e sua rede socioafetiva. Acolher é reconhecer o que o outro traz como legítima e singular necessidade de saúde.

- Por que fazemos?

Para a melhoria da relação da equipe de saúde com acompanhantes, bem como entre os/as acompanhantes, nas enfermarias, com fortalecimento dos elos entre os/as participantes do grupo; para o estímulo do protagonismo nos cuidados demandados pelas crianças; para a redução da sensação de insegurança e de ansiedade por parte das mães; para o aumento da colaboração nas atividades de rotina do setor; para a adesão às regras e normas; para uma maior aceitação do tratamento e da hospitalização.

- Como fazemos?

O acolhimento individual é realizado, junto ao acompanhante, por um membro da equipe, após a admissão do usuário na clínica pediátrica. Nesse momento, a escuta qualificada é oferecida pelo/a profissional, no intuito de acolher, de formar vínculo e de identificar as necessidades do/a usuário/a e de sua família. Com isso, são feitas as orientações sobre as normas e rotinas de funcionamento do setor, estimulando a participação do/a acompanhante nos cuidados. No final, os/as acompanhantes assinam um termo de compromisso.

As ações de acolhimento ocorrem, semanalmente, nas enfermarias do setor, e os grupos formados são constituídos pelos/ as acompanhantes das crianças e dos adolescentes

hospitalizados, juntamente à equipe de saúde, tendo como facilitadores os profissionais de psicologia, fisioterapia, nutrição, terapia ocupacional e enfermagem. Por meio de rodas de conversa, abordamos diferentes temas de acordo com a necessidade, incluindo: a boa convivência no ambiente da enfermaria; a importância do/a acompanhante no processo de cuidado da criança e do adolescente; a relação entre equipe de saúde e acompanhante; as normas e rotinas do setor; e o controle social (escuta de queixas e sugestões sobre o serviço ofertado pelo hospital).

Os/as profissionais e acadêmicos/as reúnem-se, antes do grupo, para escolher o tema a ser abordado e, posteriormente, para fazer uma avaliação do que foi discutido durante o grupo e fazer o levantamento das demandas e necessidades, a fim de dar os possíveis encaminhamentos. O produto dessas reuniões foi a construção conjunta de um instrumento de apoio, um álbum seriado e um folder ilustrado, que contém as normas e rotinas do setor. Participam, como facilitadores do grupo, a equipe multiprofissional do setor pediátrico, os estagiários e extensionistas. As ações de acolhimento ocorrem diariamente, e as ações em grupo, nas enfermarias, são semanais, com duração média de uma hora. Participam desse tipo de atividade os profissionais de saúde, os acompanhantes e as crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica.

Contação de histórias com o Grupo de Contadores de Histórias Anjos do Hupaa

- O que é?

A arte de contar histórias atua como um tapete mágico, realizando o transporte entre dois mundos. Ela transporta o escutador e o contador de histórias do mundo real para o mundo do imaginário, onde tudo é possível. Por meio da arte de contar histórias, pode-se despertar o gosto literário, incentivar a criatividade e a imaginação, além de reelaborar conflitos e sentimentos negativos. O Grupo de Contadores de Histórias Anjos do Hupaa nasceu, no hospital, em meados de 2015. De início, era composto de funcionários e, em agosto de 2017, passou a projeto de extensão de caráter multidisciplinar, recebendo, então, discentes de várias instituições de ensino superior de Maceió.

- Para que fazemos?

Para promover ações de contação de histórias e de incentivo à leitura, que atuarão como estímulos auxiliares na ressignificação da estada do paciente e do acompanhante, no âmbito do setor pediátrico do Hupaa.

- Como fazemos?

As sessões de contar histórias são ofertadas pelo grupo Anjos do Hupaa, sob a coordenação da bibliotecária e contadora de histórias Isabel Calheiros. Acontecem na T.E.C.A. e nas enfermarias da pediatria, duas vezes por semana, nas segundas-feiras à tarde e nas sextas-feiras pela manhã, com duração média de uma hora e meia.

As ações são planejadas, com a escolha das histórias, dos textos literários, das músicas e das performances utilizadas durante a execução da atividade, que é intercalada com muita interação e incentivo à criatividade do público beneficiado. Inicialmente, há uma música de acolhimento. Então, contam-se as histórias, permeadas por músicas do cancioneiro popular. Há, também, a distribuição de textos poéticos para leitura compartilhada, além de livros que são espalhados no ambiente para estimular a leitura livre. Vale ressaltar que esse processo é construído pelo grupo, a exemplo do projeto "Pílulas poéticas: use sem moderação!", uma nova atividade que será implantada junto às sessões de contação de histórias.

Visita pelo Hupaa

- O que é?

Nessas visitas, a compreensão da criança e do adolescente sobre o ambiente hospitalar é facilitada através do esclarecimento das rotinas institucionais e do conhecimento dos funcionários que trabalham nas diferentes áreas e que, indiretamente, contribuem para o seu tratamento. Como consequência, há maior aceitação, adaptação e colaboração no tratamento, diminuindo os sentimentos negativos desencadeados pelo desconhecimento e pela incerteza frente à rotina do hospital.

- Por que fazemos?

Essas atividades visam à redução do estresse e da ansiedade, facilitando o convívio social entre pacientes e destes com a equipe, pois traz benefícios, também, para o trabalhador. A ação demonstra a valorização do profissional, que se sente motivado ao conhecer os pacientes e ao poder explicar como funciona o seu setor. A equipe multiprofissional do setor pediátrico

(terapeuta ocupacional, psicóloga, fisioterapeuta, nutricionista) é responsável pela atividade, com a participação dos estagiários e extensionistas.

- Como fazemos?

As crianças são previamente liberadas pela equipe médica e de enfermagem, de acordo com as condições clínicas, com a necessidade ou não de auxílio na locomoção e com o nível de dependência de oxigênio. São acompanhadas pelo profissional da equipe e por acadêmicos, que mostram e relacionam os locais visitados com as rotinas e procedimentos realizados durante a internação. Essas visitas consistem em levar os pacientes internados e seus acompanhantes para uma visita às áreas externas e aos setores do hospital.

No setor da cozinha, por exemplo, a nutricionista acompanha a visita, bem como realiza orientações e explicações sobre os trabalhos realizados nesse espaço da instituição. Na área externa, denominada informalmente de pracinha, realizam-se o banho de sol, as brincadeiras e um circuito para estimular a coordenação motora, o equilíbrio, a mobilidade e a interação social.

Na visita ao Memorial do Hupaa, abordam-se questões educativas sobre a história do hospital, com a exposição de instrumentos e materiais hospitalares utilizados na instituição, em outras épocas. As atividades ao ar livre ocorrem uma vez por mês, com duração de, no máximo, duas horas. Participam desse tipo de atividade os profissionais do hospital, as crianças, os adolescentes e os acompanhantes.

Comemorações das datas festivas

- O que é?

Realização de atividades temáticas e/ou festivas periódicas, acompanhando o calendário anual (incluem festas de Carnaval, Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, Festa Junina, Dia das Crianças, Natal, *Halloween*).

- Por que fazemos?

A importância desse tipo de iniciativa é salientada pelo artigo de Lopes e Paula (2012, p. 190-191), no qual as autoras apontam que, nos estudos realizados, “as festas contribuíam para a integração entre as pessoas e eram importantes nas práticas lúdicas e educativas, assim como na promoção da saúde, alegria e cultura”.

Entre os objetivos, estão: melhorar a interação da criança com o meio; propiciar socialização; contribuir para o desenvolvimento global; reduzir o impacto do afastamento social;

e favorecer e fortalecer o vínculo de pacientes entre si, com seus familiares e com a equipe de saúde. As ações visam, também, a minimizar o distanciamento dos usuários em relação aos elementos sociais e culturais ligados a tradições comemorativas.

A organização dessas atividades fica a cargo da equipe multiprofissional do setor pediátrico (terapeuta ocupacional, psicóloga, fisioterapeuta, nutricionista, bibliotecária, enfermeiras e técnicas de enfermagem), com a participação dos estagiários e extensionistas.

- Como fazemos?

As atividades festivas ocorrem periodicamente, de acordo com o calendário anual, com duração de, no máximo, duas horas. Participam desse tipo de atividade os profissionais de saúde, acompanhantes e as crianças e adolescentes internados na clínica pediátrica.

CAPÍTULO IV

A EXTENSÃO COMO UM DOS NUTRIENTES PARA OS FRUTOS

Ingrid Martins Leite Lúcio
Vanessa Ferry de Oliveira Soares
Sarah Lins de Barros Moreira
Ana Patrícia da Rocha Lima de Paula
Marcela Barbosa de Farias
Fernanda Ferreira Voss

Figura 04 – Recebimento da Plotagem da Porta da T.E.C.A.



Fonte: Acervo T.E.C.A., 2018.

4.1 T.E.C.A. como ação de extensão

Essa árvore frondosa, com poucos anos de semeada, já nos dá muitos frutos. Um de seus importantes nutrientes é a extensão, como um dos eixos constituintes da formação universitária, como forte nutriente para a formação de profissionais de diversas áreas do conhecimento para a sociedade.

A extensão vem sofrendo reformulações e sendo discutida, atualmente, em todo o sistema de educação superior do Brasil, seja público, privado e/ou comunitário. A ênfase recai sobre os parâmetros de avaliação, registro e planejamento de ações de extensão, ou seja, aqueles que envolvem as intervenções diretas na comunidade e a formação de estudantes em instituições de ensino superior.

Pensando em ancorar as iniciativas empíricas que fomentaram as primeiras ações envolvendo crianças, adolescentes e famílias no processo de hospitalização, pensamos em concorrer em editais institucionais, a fim de buscar, de modo estruturado, apoiar as ações no hospital universitário, terreno fértil que abrigou nossa árvore. A primeira semeadura ocorreu em 2016, por meio do edital do ProCCAExt, da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alagoas.

O primeiro projeto foi intitulado “Ludoterapia como intervenção multidisciplinar na abordagem a crianças, adolescentes e famílias atendidos pela unidade de atenção à criança e adolescente – Uasca/Hupaa/Ufal”, aprovado em 2016, por mérito, sem recursos e/ou outras formas de financiamento, o que serviu de motivação para que a árvore crescesse ainda mais.

Nos dois primeiros anos, o projeto buscou recursos, apoio, aprimoramento da sua operacionalização e recrutamento de voluntários para a multiplicação das ações idealizadas. Ao concorrer por meio do mesmo edital, em 2018, o projeto foi reformulado com novo nome: “T.E.C.A. – Território Encantado de Crianças e Adolescentes: Tecnologias leves e cuidado multiprofissional em saúde numa brinquedoteca hospitalar”, tendo sido aprovado em primeiro lugar e contemplado com três bolsas. A ação foi vinculada ao Sigaa/Proext/ Ufal e à Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão do Hupaa/Ufal.

A partir da realidade da clínica pediátrica do Hupaa, que oferece assistência em saúde por meio de internações hospitalares, o projeto de extensão executa, como forma de intervenção

multidisciplinar na abordagem a crianças, adolescentes e famílias atendidos pela unidade de atenção à criança e adolescente (Uasca/ Hupaa/Ufal), a implementação de atividades lúdicas no ambiente hospitalar e de pesquisas do impacto do lúdico nas intervenções realizadas pela equipe multidisciplinar.

Numa perspectiva multiprofissional e interdisciplinar, a proposta veio a somar no desenvolvimento e no fortalecimento de ações lúdicas como práticas cotidianas de cuidado, baseadas no conceito de tecnologias leves, na assistência em saúde voltada para crianças e adolescentes atendidos pela clínica pediátrica do Hupaa, bem como para seus familiares.

O lúdico, na atenção em saúde, pode ser entendido como uma tecnologia leve, utilizada para promover a humanização, favorecendo o desenvolvimento da criança nos âmbitos social, psicológico e terapêutico, auxiliando na diminuição do estresse, do medo e da ansiedade (PINTO, 2015).

Por meio do eixo da extensão, agregou-se um grupo multidisciplinar composto por profissionais e acadêmicos da Enfermagem, da Psicologia, da Terapia Ocupacional, da Biblioteconomia, da Nutrição, da Pedagogia, da Odontologia e da Fisioterapia, que atuam na prevenção, na promoção e no cuidado em saúde, numa visão biopsicossocial.

Além de agregar pessoas em prol de uma assistência hospitalar mais humanizada, essa ação de extensão visa a oportunizar práticas multiprofissionais contextualizadas, no Sistema Único de Saúde, desde os períodos iniciais da formação acadêmica, em consonância com a cartilha *Curricularização da Extensão na Ufal* (Proex/Ufal).

O projeto proporciona a aproximação de acadêmicos/as com um espaço de prática (T.E.C.A.), oportunizando a familiarização com a promoção humanizada de saúde pediátrica no SUS, com a relação em equipe multiprofissional e com a criação do vínculo profissional-criança-família.

O projeto possibilita o funcionamento da T.E.C.A. nos dois turnos, de forma a permitir que a criança e o/a adolescente passem maior tempo brincando. Também constitui um foco da ação o incentivo à participação da família durante as atividades lúdicas, com o objetivo de fortalecimento de vínculos e de redução do estresse devido à hospitalização.

O trabalho com crianças, adolescentes e familiares, na T.E.C.A. e, ocasionalmente, nos leitos, faz-se essencial, na medida em que os relatos construídos a partir dos diários de campo

do primeiro ano da extensão apontam que a ação lúdica é uma aliada efetiva da assistência em saúde.

4.2 Como o projeto funciona?

Apresenta uma metodologia qualitativa e ativa, de base construcionista, no desenvolvimento de uma abordagem lúdica com os pacientes e seus acompanhantes, disponibilizando/oferecendo jogos, brinquedos, exposições de filmes infantis, atividades festivas e artísticas, brincadeiras, músicas, oficinas e grupos terapêuticos, teatro e contação de histórias. As atividades são mediadas por acadêmicos/ as docentes da Ufal e técnicos assistenciais do Hupaa.

A metodologia ativa permite que extensionistas assumam um posicionamento engajado e permeado de implicações éticas relevantes, desprendendo-se de uma pretensa neutralidade. Buscam, portanto, posicionar-se, de forma reflexiva, quanto aos efeitos que suas escolhas e ações produzem, e não como meros observadores que intencionam revelar a realidade. A subjetividade dos extensionistas apresenta-se como um elemento a mais no processo, através da perspectiva construcionista: objetividade e intersubjetividade combinam-se em processos complexos, interligados e dialógicos (BATISTA; BERNARDES; MENEGON, 2014).

Tais proposições possibilitam afetações nas formações dos envolvidos, assim como na instituição em questão, como formas de fortalecimento do SUS, com base em compreensões ampliadas sobre o cuidado (por exemplo, com o resgate da importância da ludicidade na vida das crianças e dos adolescentes).

São construídos diários de campo pelos/as extensionistas, o que auxilia na compreensão do contexto comunitário. Os dados coletados subsidiam os relatórios do projeto e as pesquisas sobre a relevância e o impacto do lúdico e da brinquedoteca nos cuidados de saúde oferecidos durante o período de hospitalização na clínica pediátrica.

A construção dos diários de campo não se volta para a mera descrição e delimitação de realidade, mas envolvem o arcabouço das experiências produzidas pelo encontro das diferenças, que passam a instigar pensamentos e a visibilizar desafios. É uma ferramenta de tensionamento da experiência – uma vez que sua escrita, permeada pela intensidade das expressões advindas da experimentação, produz a interlocução subjetiva do acadêmico (DIEHL; MARASCHIN; TITTONI, 2006).

Os diários têm a função de proporcionar a prática reflexiva do extensionista sobre as práticas desenvolvidas no projeto, além de possibilitar o compartilhamento das experiências, como estratégia de divulgação e enfrentamento de possíveis intercorrências durante o processo.

São ainda realizados, entre acadêmicos/as e preceptores/as, encontros mensais para leitura e reflexão sobre os diários de campo e/ ou para discussões temáticas relativas aos referenciais teóricos acerca dos temas recorrentes nas reuniões, tais como aspectos emocionais da hospitalização infantil, luto e terminalidade, cuidados paliativos, desenvolvimento infantil, teorias e técnicas lúdicas, práticas de brinquedoteca, ética na saúde, atuação interdisciplinar, políticas públicas de saúde, humanização, entre outras.

4.3 Quais os objetivos do projeto?

- Desenvolver e fortalecer as ações lúdicas multidisciplinares como práticas cotidianas de cuidado baseadas no conceito de tecnologias leves na assistência em saúde, voltadas para crianças e adolescentes atendidos pela clínica pediátrica do Hupaa e para seus familiares;
- Formar e manter uma equipe de extensionistas, de diferentes áreas de conhecimento, para atendimento às crianças e adolescentes, de 0 a 17 anos, em condição de hospitalização;
- Contribuir para uma formação cidadã em saúde mais próxima dos ideais de humanização, tendo em vista o caráter de responsabilidade social da universidade;
- Realizar atividades multidisciplinares de caráter lúdico como forma de cuidado com crianças, adolescentes e acompanhantes da clínica pediátrica, proporcionando a esses sujeitos a expressão de sentimentos e angústias, o contato social e a valorização da capacidade funcional;
- Ampliar, catalogar, higienizar e atualizar o acervo da brinquedoteca, organizando estratégias para arrecadação de brinquedos, livros e outros materiais junto à comunidade;

- Sensibilizar a família, a comunidade hospitalar e a sociedade em geral quanto à importância do lúdico na recuperação da criança;
- Desenvolver ações de capacitação, integrando a equipe multiprofissional e a equipe do projeto, visando à melhoria da qualidade de atendimento às crianças e às suas respectivas famílias;
- Integrar, participar e interagir com outros projetos de extensão, por meio da comissão de extensão de atividades lúdicas e assistenciais no ambiente hospitalar.

4.4 Quem faz parte desse projeto?

A carga horária total do projeto é de 360 horas, num período de um ano e seis meses. Bolsistas devem cumprir uma carga horária total de 8 horas semanais; voluntários/as realizam 4 horas semanais. O projeto envolve os docentes da Escola de Enfermagem da Ufal e do Instituto de Psicologia da Ufal (IP), além de técnicas/os da assistência, incluindo enfermeiras, psicólogos/as, terapeuta ocupacional, nutricionista, odontóloga, fisioterapeutas e bibliotecária. Acolhe, ainda, 63 acadêmicos, sendo 03 bolsistas e 60 voluntários/as. Dentre o total de discentes, 32 são acadêmicos/as da Ufal (dos cursos de Psicologia, Enfermagem, Pedagogia, Serviço Social e Odontologia) e 19 são estudantes de outras instituições públicas e privadas de ensino. Há, ainda, acadêmicas da pós-graduação *stricto sensu* da Esenfar/Ufal e do IP.

É previsto o atendimento, por semana, de até 24 crianças/ adolescentes, usuários/as dos leitos de internação da clínica pediátrica do Hupaa, estabelecendo uma estimativa anual de cerca de 250 crianças e adolescentes, que são contemplados/as em cerca de 1.500 atendimentos em atividades lúdicas. As áreas interdisciplinares somam conhecimentos em prol de oferecer maior qualidade de vida às crianças e aos/as adolescentes atendidos/as.

Em meio às experiências, ocorre, entre os participantes do projeto, a integração de saberes e vivências, de modo horizontal, buscando-se a compreensão dos processos construídos durante as intervenções com os/as usuários/as. Os discentes e docentes da Ufal que participam do projeto pretendem estreitar o vínculo com a comunidade atendida no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (Hupaa) e com sua equipe de saúde, de modo a assegurar a promoção da saúde, a recuperação e a prevenção, ajudando os pais e as próprias

crianças e adolescentes a lidarem com determinadas situações voltadas à hospitalização, além de incentivar o autocuidado.

É oportunizado o desenvolvimento de habilidades cognitivas e técnicas dos estudantes, voltadas ao cuidado em saúde da criança, com a consequente construção de saberes e vivências. Tal aproximação com a prática multidisciplinar permite uma imersão no contexto e na relação da equipe profissional com o usuário e a família, com o aprendizado, no fazer diário, da promoção de saúde. Assim, espera-se que a humanização e os aspectos afetivo-emocionais sejam valorizados e incluídos como a base da formação profissional em saúde.

O impacto desse projeto na população atendida envolve, ainda, aspectos como: o incentivo às relações interpessoais no âmbito familiar, com o intuito de promover a saúde da criança; a melhoria no acolhimento da população, com incentivo à participação em grupos que tentam promover a saúde da criança e da família, buscando-se a prevenção de danos à infância; a partilha de experiências, que propicia troca de conhecimentos entre todos os participantes do projeto.

4.5 Quais as nossas conquistas?

No decorrer das atividades, foi evidenciada a importância da institucionalização do espaço da brinquedoteca pela gestão do hospital, bem como a necessidade de estabelecer, na instituição, um núcleo de implantação de projetos de extensão e pesquisa que viabilize uma maior autonomia institucional para estabelecimento de novos projetos.

A produção e a divulgação de conhecimento vivenciado durante a extensão universitária são entendidas como importantes fatores multiplicadores da iniciativa, para que, em outros espaços que não possuem brinquedoteca ou nos quais ela é subutilizada, possam ser construídas, coletivamente, estratégias de viabilização do serviço. Como estratégia para a divulgação das ações desenvolvidas, construímos e apresentamos diversos trabalhos em eventos na área.

No ciclo inicial de extensão, foi produzida uma prática interdisciplinar entre os estudantes de Psicologia e de Enfermagem, em conjunto com os profissionais de diferentes áreas que atuam no setor pediátrico. Um resultado interessante para o segundo ano de extensão foi a ampliação da oferta de vagas para estudantes dos cursos de Odontologia,

Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Nutrição, Pedagogia, Serviço social e Medicina, bem como de outras instituições de ensino além da Ufal. No decorrer da execução desse projeto de extensão, pretendem-se produzir pesquisas, elaborar artigos científicos, relatórios, painéis e portfólios, regulamento do projeto, protocolos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, P. L. et al. Efeito da interação com palhaços nos sinais vitais e na comunicação não verbal de crianças hospitalizadas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 34, n. 4, p. 432-438, dez. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0103058216000186>. Acesso em: 12 jun. 2019.

ALMEIDA, M. C. P. de. **O trabalho de enfermagem e sua articulação com o processo de trabalho em saúde coletiva**: rede básica de saúde em Ribeirão Preto. 1991. Tese (Livre-docência) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1991.

ASTOLPHO, M. P.; OKIDO, A. C. C.; LIMA, R. A. G. Rede de cuidados a crianças com necessidades especiais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 67, n. 2, p. 213-219, abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672014000200213&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 jun. 2019.

BACKES, D. S.; LUNARDI, V. L.; LUNARDI FILHO, W. D. O processo de humanização do ambiente hospitalar centrado no trabalhador. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 221-227, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342006000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2019.

BATISTA, C. S.; BERNARDES, J.; MENEGON, V. S. M. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, M. J. P. et al. (org.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Brasília, DF: Presidência da República, 2005a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços

correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos HumanizaSUS**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. 2 v.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS**: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_documento_gestores_trabalhadores_sus.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política de educação e desenvolvimento para o SUS**: caminhos para a educação permanente em saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica2_vpdf.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prto336_19_02_2002.html. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015**. Institui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2015/prt1130_05_08_2015.html. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRÊDA, M. Z. et al. Duas estratégias e desafios comuns: a reabilitação psicossocial e a saúde da família. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 3, p. 450-452, maio/jun. 2005.

BUENO, L. D.; ROCHA, M. L. B.; OLIVEIRA, A. A. S. Brinquedoteca e reconstrução sócio-histórica de espaços potencializadores nos hospitais: um relato de experiência. **Gep News**, Maceió, v. 2, n. 2, p. 170-176, abr./jun. 2018. Disponível em: www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/5258. Acesso em: 12 jun. 2019.

CONANDA. **Resolução nº 41, de 17 de outubro de 1995**. Dispõe sobre os direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Brasília, DF: Conanda, 1995. Disponível em: http://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res_41_95_Conanda.pdf. Acesso em: 13 jun. 2019.

CONCEIÇÃO, L. S. A influência do lúdico no cuidado e tratamento de crianças hospitalizadas. **Psicologia.pt - O portal dos psicólogos**, Porto, p. 1-17, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1002.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução COFEN nº 546/2017**: Utilização de técnica de brinquedo terapêutico pela Enfermagem. Brasília, DF: COFEN, 2017. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05462017_52036.html. Acesso em: 12 jun. 2019.

DIEHL, R.; MARASCHIN, C.; TITTONI, J. Ferramentas para uma Psicologia Social. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 407-415, 2006.

DIMENSTEIN, M. **A prática dos psicólogos no Sistema Único de Saúde - SUS**. In: FÓRUM NACIONAL DE PSICOLOGIA E SAÚDE PÚBLICA, 1., 2006, Brasília. **I Fórum Nacional de Psicologia e Saúde Pública**: contribuições técnicas e políticas para avançar o SUS. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2006. p. 8-16.

FALBO, B. C. P. et al. Estímulo ao desenvolvimento infantil: produção do conhecimento em Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 1, n. 65, p. 148-154, fev. 2012.

FARÃO, E. M. D. et al. Clínica ampliada em um hospital universitário: abrindo caminhos para uma nova forma de cuidar. **Revista Contexto e Saúde**, Ijuí, v. 11, n. 20, p. 813-816, jan./jun. 2011.

FERRI, S. M. N. et al. As tecnologias leves como geradoras de satisfação em usuários de uma unidade de saúde da família. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 11,

n. 23, p. 515-529, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000300009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 jun. 2019.

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. **Psychê**, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 13-30, jul./dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002. Acesso em: 13 jun. 2019.

FRANCISCHINELLI, A. G. B.; ALMEIDA, F. de A.; FERNANDES, D. M. S. O. Routine use of therapeutic play in the care of hospitalized children: nurses' perceptions. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-6, abr. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/apv25n1/en_v25n1a04.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

JONAS, M. F. et al. O lúdico como estratégia de comunicação para a promoção do cuidado humanizado com a criança hospitalizada. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 17, n. 4, p. 393-400, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/13559>. Acesso em: 12 jun. 2019.

KUDO, A. M. et al. Serviço de Terapia Ocupacional do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. **Cadernos de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 1, nov. 2014.

LOPES, B. A.; PAULA, E. M. A. T. de. O significado das festas em uma brinquedoteca hospitalar: promoção da saúde, da cultura e da vivência da infância para crianças enfermas. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 168-193, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582012000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2019.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2005.

MILAN, M. Educação e inclusão devolvem sorrisos às crianças doentes. **Jornal Entrementes**, v. 2, n. 7, 2014.

MIRANDA, C. E. S.; COHEN, R. H. P. O brincar como modo de tratamento ao real da doença. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 205-214, abr. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100013. Acesso em: 12 jun. 2019.

NICOLA, G. D. O. et al. Percepções do familiar cuidador acerca do cuidado lúdico à criança hospitalizada. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, Recife, v. 8, n. 4, p. 981-986, abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/9769/9903>. Acesso em: 12 jun. 2019.

PALADINO, C. M.; CARVALHO, R. de; ALMEIDA, F. de A. Brinquedo terapêutico no preparo para a cirurgia: comportamentos de pré-escolares no período transoperatório. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 423-429, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n3/pt_0080-6234-reeusp-48-03-423.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

PEREIRA, T. T. S. O.; BARROS, M. N. dos S.; AUGUSTO, M. C. N. de A. O cuidado em saúde: o paradigma biopsicossocial e a subjetividade em foco. **Mental**, Barbacena, v. 9, n. 17, p. 523-536, jul./dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272011000200002&script=sci_abstract. Acesso em: 12 jun. 2019.

PINHEIRO, R. Integralidade em saúde. In: PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. (org.). **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/Dicionario2.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

PINTO, M. B. Atividade lúdica e sua importância na hospitalização infantil: uma revisão integrativa. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 13, n. 2, p. 298-312, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/2292/pdf378>. Acesso em: 12 jun. 2019.

RIOS, I. C. **Caminhos da humanização na saúde: prática e reflexão**. São Paulo: Áurea Editora, 2009.

SILVA, C. A. L. S. **Docência universitária em saúde: tecnologias educacionais e interdisciplinaridade**. 2015. 89 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Redes) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10652/SILVA%2c%20CARLOS%20AUGUSTO%20LOPES%20DA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SILVA, D. C.; ALVIM, N. A. T.; FIGUEIREDO, P. A. Tecnologias leves em saúde e sua relação com o cuidado de enfermagem hospitalar. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, Rio de Janeiro, n. 12, v. 2, p. 291-298, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n2/v12n2a14>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SILVA, D. F.; BRANDÃO, E. C. As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em enfermagem pediátrica. **Revista de Enfermagem da FACIPLAC**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 1-12, jan./jul. 2017. Disponível em: <http://revista.faciplac.edu.br/index.php/REFACI/article/download/266/85>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SOARES, V. F. et al. Extensão universitária em ludoterapia: passos para o SUS humanizado que desejamos. **GEP NEWS**, Maceió, v. 2, n. 2, p. 43-49, abr./jun. 2018.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano. In: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TARJA Branca: a revolução que faltava. Direção: Cacau Rhoden. Produção executiva: Estela Renner, Luana Lobo e Marcos Nisti. São Paulo: Maria Marinha Filmes, 2014. 1 DVD (80 min), son., color.

VASCONCELOS, C. M.; PASCHE, D. F. O Sistema Único de Saúde. In: CAMPOS, G. W. de S. et al (org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006. p. 531-562

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VILLELA, F. C. B.; MARCOS, S. C. Brinquedoteca hospitalar: da obrigatoriedade legal ao desrespeito à lei – a lei federal nº. 11.104/2005 como caso emblemático envolvendo limites nas medidas de humanização hospitalar. In: V ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, IV ENCONTRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E I ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PARA O ENSINO MÉDIO, 2009, Presidente Prudente. **Anais [...]**. Presidente Prudente: Unitoledo, 2009.

Este livro é um relato da experiência de uma extensão universitária, a T.E.C.A. - Território Encantado de Crianças e Adolescentes, que atua em uma brinquedoteca de mesmo nome, situada em um hospital de ensino e assistência do município de Maceió / AL.

